

Construtoras chinesas na África: um desafio para os sindicatos trabalhistas

Eddie Cottle*

Construída recentemente por trabalhadores chineses, a nova sede do Sindicato Africano (SA) em Adis Abeba é um símbolo expressivo da rápida evolução da presença da China na África. As relações China-África se aprofundam à medida que o país asiático se posiciona como principal aliado na luta anticolonial africana, além de ser o primeiro país a participar dos esforços para reconstruir os novos Estados formados no continente. O exemplo mais conhecido é o da ferrovia de 1.800 quilômetros Tanzânia-Zâmbia, construída na década de 1970 por mais de 50 mil engenheiros e trabalhadores chineses, 64 dos quais morreram durante as obras. A China disponibilizou um empréstimo de US\$ 400 milhões, sem juros, para a construção da linha férrea, apesar de, na época, ser ainda mais pobre do que a maioria dos países africanos.

Investimentos chineses alavancam crescimento econômico e desenvolvimento da infraestrutura na África

O acelerado crescimento da economia chinesa gerou a necessidade de garantir recursos energéticos para viabilizar a continuidade do desenvolvimento do país ao longo dos anos. Por isso, a África manteve papel de destaque na agenda internacional dos investimentos chineses. Em julho de 2012, o presidente Hu Jintao disponibilizou US\$ 20 bilhões em crédito para a África, tendo em vista investimentos potencialmente lucrativos e o desenvolvimento da infraestrutura do continente – empréstimos estratégicos e sem exigências de garantia, para o desespero dos investidores ocidentais. Dois anos antes, em 2010, China e Gana assinaram um acordo que previa um empréstimo de US\$ 13,1 bilhões, com juros de apenas 2%. Diante desse cenário, há um receio crescente quanto à possibilidade de os países africanos deixarem de recorrer a empréstimos do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial e reduzirem, assim, sua dependência da Europa e dos Estados Unidos.

Mais de duas mil estatais chinesas (SOE's, na sigla em

inglês) já se estabeleceram na África. De acordo com o Banco Mundial, 55% de todos os projetos de investimentos africanos em 2013 vieram da iniciativa privada. O volume de negócios entre China e África chegou a US\$ 166 bilhões em 2011. Trata-se de um aumento significativo em relação a 1999, quando o comércio entre os dois países foi de aproximadamente US\$ 2 bilhões, fazendo da China o maior parceiro comercial da África atualmente. Com investimentos massivos, os negócios entre os africanos e os chineses têm contribuído diretamente para níveis de crescimento econômico sem precedentes na África.

Empresas chinesas estatais e privadas estão se posicionando estrategicamente nos setores de construção civil e infraestrutura de diversas economias africanas. O presidente da Vinci, maior empreiteira do mundo, relatou que as empresas chinesas geralmente apresentam propostas comerciais até 75% menores que as empresas ocidentais. Como se não bastasse, engenheiros chineses recebem cerca de US\$ 130 por mês, um sexto do que as construtoras europeias pagam aos engenheiros angolanos. Hoje, as empresas chinesas dominam o setor de construção civil na África, com uma fatia de mercado superior às da França, Itália e dos EUA juntas. A participação das empresas chinesas no mercado africano cresceu significativamente, passando de 26,9%, em 2007, para 42,4%, em 2008; caindo, depois, para 36,6%, em 2009.

A malha ferroviária da Angola, um dos principais fornecedores de petróleo para a China, está se expandindo rapidamente graças a um acordo comercial estabelecido entre os países para apoiar o desenvolvimento de sua infraestrutura petrolífera. Por sua vez, o Quênia assinou recentemente um acordo de US\$ 5 bilhões com a China para construir uma ferrovia de 952 km, ligando a cidade portuária de Mombasa à Malaba, uma cidade próxima à fronteira com a Uganda. A expectativa é que a linha seja ampliada para Ruanda, Uganda e Tanzânia até 2018.

Em setembro de 2012, a China Railway Construction Corp. (CRC) assinou um contrato de US\$ 1,5 bilhão para reformar um sistema ferroviário na Nigéria. A empresa possui projetos em andamento em Djibouti, Etiópia e Nigéria, os quais, somados, estão avaliados em US\$ 1,5 bilhão.

Já a China South Locomotive and Rolling Stock Corporation, grande fabricante de trens chinesa, está exportando cerca de US\$ 400 milhões em locomotivas para a África do Sul. O Banco de Importação-Exportação da China (China Exim Bank) concedeu financiamento de US\$ 4 bilhões para a construção da estrada de ferro Mombasa-Nairobi, enquanto a linha Addis Ababa-Djibouti é recuperada ao custo de US\$ 3 bilhões.

Sindicatos de trabalhadores africanos desafiam empresas chinesas

Mas nem tudo são flores. Um dos aspectos controversos associados aos investimentos chineses é a precariedade das normas trabalhistas adotadas pelas empresas oriundas do país asiático, o que vem gerando atritos com organizações sindicais africanas, bem como entre estas e os governos do continente. Entretanto, apesar dos conflitos, sindicatos africanos afiliados à Building & Wood Workers' International (BWI) fizeram um grande acordo coletivo de trabalho e estão recrutando ativamente trabalhadores em canteiros das SOEs.[1]

Até o início de 2013, o Sindicato dos Trabalhadores do Setor de Construção Civil e de Materiais de Construção (CBMWU, na sigla em inglês), já havia assinado oito acordos coletivos com diferentes empresas chinesas. O contrato coletivo prevê o reconhecimento dos sindicatos, de suas cláusulas de segurança, direitos individuais e coletivos, procedimentos processuais para lidar com conflitos de interesse e direitos, benefícios monetários e não monetários, férias remuneradas e indenizações no caso de demissão. Caso semelhante foi o do Sindicato dos Empregados das Indústrias de Construção, Madeira e Móveis do Quênia, que assinou quatro acordos coletivos com as empresas China Road and Bridge Corporation, China Sinohydro Cooperation, China Overseas Corporation e a China Jiangsu International.

Ao longo de 2012, o sindicato da indústria de construção de Uganda (UBCCEAWU) recrutou mais de 200 mulheres e 1.600 homens associados junto àquelas companhias. O sindicato recrutou ainda trabalhadores junto a alguns dos mais reconhecidamente problemáticos empregadores,

como a China Sinohydro Construction Corporation (projeto Ntugamo) e a China Chongqing International Construction Corporation (CICO).

Um levantamento feito pela BWI, na Tanzânia, mostrou que as companhias chinesas estavam violando o Tratado de Liberdade da Associação das Relações de Emprego e Trabalho do país. Na Namíbia e Zâmbia, os sindicatos trabalhistas tinham acesso às instalações das empresas e estavam recrutando, sem controle algum, novos associados, fechando acordos de reconhecimento e contratos coletivos. Assim, os sindicatos africanos se tornaram líderes globais entre as organizações trabalhistas, no que tange à articulação e negociação com empresas de construção chinesas.

No que se refere às relações China-África, o ano de 2013 foi marcado pelo constante debate sobre a dimensão política desse relacionamento. O crescente envolvimento econômico da China no continente tem sido acompanhado por especulações de que o país deixou de ser um aliado no processo de independência africana para se tornar uma liderança neocolonial, competindo com o Ocidente em uma nova disputa pela África. Por outro lado, há quem sustente que a potência asiática está seguindo firmemente o mesmo caminho trilhado desde 1954 até hoje: o da não interferência nas políticas internas dos Estados africanos, não envolvendo, portanto, condicionais políticas. Cumpre destacar que os países africanos receberam bem a estratégia chinesa de não interferência, que é vista como um alívio em relação à política prescritiva ocidental, que condicionou as decisões das lideranças africanas a metas previstas por programas de ajustes estruturais. Assim, a suspeita de que a China almejaria uma agenda neocolonial na África parece não se sustentar.

Levando a luta ao FOCAC

No 5º Fórum para a Cooperação China-África (FOCAC, na sigla em inglês), em 2012, líderes africanos citaram abertamente os problemas no relacionamento com a China, o que foi evitado nas edições anteriores do FOCAC. A China se mostrou favorável ao desenvolvimento da infraestrutura em linha com os projetos de integração regionais da África, bem como à promoção de maior beneficiamento de produtos no setor de recursos. Finalmente, cabe ressaltar que, como anfitriã do próximo FOCAC, em 2015, a África do Sul terá uma chance de ouro para influenciar as tendências e trajetória dessa duradoura parceria. Tal contexto abre uma grande oportunidade para a ITUC-África e

para as federações internacionais dos sindicatos dos trabalhadores dos setores da construção civil e madeira da África do Sul lançarem uma campanha, a fim de estabelecer concretamente a questão trabalhista na agenda do próximo FOCAC, trazendo, assim, uma dimensão inédita para as relações China-África.

* **Eddie Cottle** é ex-coordenador de política e campanha da BWI na África e Oriente Médio e é, atualmente, funcionário do Serviço de Pesquisas Trabalhistas na Cidade do Cabo, África do Sul.

Referências bibliográficas:

Alden, C. 2012. 'FOCAC's Present and its South African Future'. SAILA. 25 July (acessado em 6 de julho de 2014)

Beattie, A., and Callan, E. 2006. "China loans create new wave of African Debt". FT.com. December 7

Centre for Chinese Studies. 2006. China's Interest and Activity in Africa's Construction and Infrastructure Sectors, preparado para DIFD China, Stellenbosch University.

Centre for Chinese Studies. 2012. 'Policy Briefing: FOCAC: trade, investment and aid in China-Africa relations', May
Chen, C., Goldstein, A, and J., Ryan. ORR. 2009. 'Local operations of Chinese Construction Firms in Africa: An empirical Survey', in The Journal of Construction Management, p76

Forum on China-Africa Co-operation. 2009. Programme for China-Africa Cooperation in Economic and Social Development. FOCAC archives.

Centre for Chinese Studies. 2006. 'China's Interest and Activity in Africa's Construction and Infrastructure Sectors', Pesquisa preparada para DFID China.

China International Contractors Association. 2012. News Letter, Vol. 01, 30 March.

China International Contractors Association. 2012. International Project Contracting. (acesso em 23 de julho de 2012)

Chen, C., Goldstein, A., and Ryan J. ORR. 'Local operations of Chinese Construction Firms in Africa: An empirical Survey'

Guliwe, T. 2009. "An introduction to Chinese-African relations," in A, Y., Baah and H, Jauch (ed), Chinese Investments in Africa: A Labour Perspective. Africa Labour Research Network

Lawrence, O.A. 2014. 'From non-interference to preponderance: China's future grand strategy in Africa'. The China Monitor, Issue 2, June. (acesso em 6 de julho de 2014).

Liu, B and Stocken, R. 2012. 'Africa: Why Chinese Companies Are Successful in Africa'. January 4. AllAfrica.com.

Lokongo, A.R. 2012. 'New AU headquarters: A tribute to China-Africa relations', (acesso em 14 de julho de 2012)

Niikondo, A., and Coetzee, J. 2008. "The Impact of the Chinese Economic Expansion in Namibia: A Case Study of retail and construction sectors in Windhoek", in Department of Public Management, Polytechnic of Namibia, October 16, p5.

The Infrastructure Consortium for Africa. 2011. 'Annual Report 2010: Financial Commitments and Disbursements for Infrastructure in Africa for 2010', August.

Vaughan, J. 2012. 'New AU headquarters marks strong China-Africa ties', Modern Ghana online, January 27.

[1] Mais informações no [presença global das MNC's chinesas no setor de construção e no trabalho pioneiro da BWI.](#)

As opiniões expressas nesta publicação não necessariamente refletem as da Fundação Friedrich Ebert.